

Rudyard Kipling

O SEGUNDO  
LIVRO DA SELVA

*tradução de*

José Francisco dos Santos

*ilustrações de*

J. Lockwood Kipling

LIVROS DO BRASIL



## COMO NASCEU O MEDO

Vai sumido o rio — a lagoa ardeu,  
E camaradas somos tu e mais eu;  
De queixos febris e poeirentos flancos,  
De cambulhada vamos plos altos barrancos;  
E sofreados todos plo sequioso medo,  
Não nos lembra a caça nem o golpe tredo.  
À sombra da cervá o corço pode ver  
O lobo aterrado a seu lado a tremer;  
E o gamo altaneiro notar impassível  
As presas que deram ao pai morte horrível.  
*Os lagos mingaram, o rio encolheu,*  
*E parceiros somos tu e mais eu,*  
*Até que a nuvem além — Boa Caça! — dê*  
*A chuva que o fim desta trégua prevê.*

A Lei da Selva — que é sem contestação a mais antiga do mundo — previu quase todos os casos de sinistro que possam ferir a gente da Selva, até que hoje é código tão perfeito quanto o tempo e o uso podem fazê-lo. Lembrar-vos-eis de que Mowgli passou grande parte da vida com a alcateia de Seeonee, a aprender a Lei com Baloo, o urso pardo; e foi Baloo que lhe disse, quando o rapaz se impacientava com ordens constantes, que a Lei era como a trepadeira gigante, porque cingia as costas a todos e ninguém lhe escapava. «Quando tiveres vivido tanto como já vivi, Irmãozinho, há de

ver como toda a Selva obedece a uma Lei pelo menos. E não será espetáculo agradável», disse Baloo.

Estas palavras entravam-lhe por um ouvido e saíam-lhe pelo outro, porque um rapaz que passa a vida a comer e a dormir não se preocupa com coisa alguma senão quando dá de cara com ela. Mas em certo ano as palavras de Baloo saíram certas e Mowgli viu toda a Selva a proceder sob o domínio da Lei.

O caso começou quando as chuvas de inverno faltaram quase por completo, e Ikki, o porco-espinho, encontrando-se com Mowgli num maciço de bambus, lhe disse que os inhames bravos estavam a secar. Ora todos sabem que Ikki é ridiculamente biqueiro na escolha da comida e não come senão o que há de melhor e mais maduro. Por isso Mowgli desatou a rir e disse:

— E que tenho eu com isso?

— Pouco, *por ora* — disse Ikki, fazendo estalar os espinhos de maneira áspera e desagradável —, mas depois havemos de ver. Ainda dás mergulhos no fundo pego rochoso por baixo das abelhas dos penhascos, Irmãozinho?

— Não. A estúpida água está toda a afastar-se, e não quero partir a cabeça — disse Mowgli, que nesse tempo tinha a plena certeza de que sabia tanto como cinco dos viventes da Selva juntos.

— É quanto perdes. Uma rachadela pequena poderia deixar-te entrar algum juízo. — Ikki recuou apressadamente para evitar que Mowgli lhe arrancasse os espinhos do focinho, e Mowgli disse a Baloo o que ouvira a Ikki. Baloo pôs-se muito sério e murmurou em parte para si:

— Se estivesse sozinho, mudaria agora de campo de caça, antes que os outros comessem a pensar. Contudo, a caça entre estranhos acaba em lutas; e podiam magoar o cachorro de homem. Temos de aguardar para ver como floresce a *mohwa*.

Na primavera daquele ano, a *mohwa*, de que Baloo tanto gostava, não chegou a florir. Os botões enfezados, cor de nata e cerosos, foram mortos pelo calor antes de abrirem, e apenas escassas pétalas malcheirosas caíram quando ele, erguido nas patas traseiras, sacudiu a árvore. Depois, polegada a polegada, o calor intenso penetrou no coração da Selva, tornando-a amarela, castanha e, por fim, negra. A vegetação dos lados dos

barrancos crestou, transformando-se em palitos e películas enroladas de tecido morto; os charcos ocultos foram baixando até ficarem reduzidos a uma capa de barro cozido, conservando nas bordas a última pegada ainda a mais pequena, como se fosse de ferro fundido; as trepadeiras de caules suculentos desprendiam-se das árvores a que se agarravam e morriam-lhes aos pés; os bambus murchavam e estalavam ao sopro dos ventos tórridos; e o musgo despegava-se dos rochedos no coração da Selva, até ficarem tão despídos e ardentes como os rebolos no leito do rio.

As aves e as tribos dos macacos seguiram para o Norte, logo no princípio do ano, porque sabiam o que estava para vir; e os veados e porcos-monteses romperam para os arrasados das aldeias distantes, e morriam por vezes à vista de homens tão enfraquecidos que os não podiam matar. Chil, o milhafre, deixou-se ficar e engordou, porque havia abundância de carne morta, e todas as noites trazia aos brutos, já demasiado exaustos para abrirem caminho em novos terrenos de caça, a notícia de que o Sol estava a matar a Selva na redondeza de três dias de voo.

Mowgli, que nunca soubera o que fosse fome autêntica, viu-se reduzido a comer mel recesso, de três anos de idade, raspado de colmeias abandonadas na penedia — mel preto como abrunhos e salpicado de açúcar seco. Procurava também lagartas furadoras sob a casca das árvores e roubava às vespas as novas criações. A fauna da Selva estava reduzida a pele e osso, e Bagheera podia fazer três mortes numa noite, sem contudo saciar a fome. Mas o pior era a falta de água, porque, embora as gentes da Selva bebam poucas vezes, precisam de beber fundo.

E o calor continuava e devorava toda a humidade, até que por fim o canal maior do Wainganga era o único que levava um fiozinho de água entre as suas margens mortas; e quando o elefante bravo, Hathi, que vive cem anos e mais, viu aparecer, precisamente no meio do rio, uma crista de rocha extensa, magra e azul, sabia que estava a ver a Rocha da Paz, e, sem mais delongas, ergueu a tromba e proclamou a Trégua da Sede, como seu pai a havia proclamado cinquenta anos antes. Os veados, javalis e búfalos repetiram o brado roucamente; e o milhafre Chil pôs-se a descrever largos círculos, a dar o aviso com os seus silvos e gritos.

Pela Lei da Selva é réu de morte quem matar nos bebedouros, logo que se tenha declarado a Trégua da Sede. A razão do preceito está em que o beber precede o comer. Todo o morador da Selva pode aguentar-se de uma forma ou doutra, quando só a caça escasseia; mas a água é água, e, quando existe apenas um ponto de abastecimento, toda a caça termina enquanto os moradores da Selva ali vão saciar-se. Em épocas normais, quando a água abundava, os que desciam a beber no Wainganga — ou noutra parte qualquer, pouco importa — faziam-no com risco da própria vida e esse risco contribuía em grande parte para a fascinação das atividades noturnas. Descer tão cautelosamente que nem uma folha mexesse; vadiar com água até aos joelhos nos baixios rugidores que abafam todos os ruídos vindos do lado; beber, olhando para trás por cima do ombro, com todos os músculos tensos para o primeiro pulo desesperado de fundo terror; rebolar nas margens arenosas, e regressar de ventas molhadas e túmidas, para a manada admirativa, era coisa em que todos os jovens veados de altas armações se compraziam, precisamente porque sabiam que de um momento para o outro Bagheera ou Shere Khan podiam saltar-lhes em cima e abatê-los. Mas agora todo esse jogo de vida e morte acabara e os moradores da Selva aproximavam-se, famintos e exaustos, do rio sumido — tigre, urso, veado, búfalo e porco, todos em conjunto, bebiam das águas conspurcadas, e por ali se deixavam ficar, demasiado esgotados para se retirarem.

Veados e javalis haviam calcorreado todo o dia em busca de coisa melhor que cascas secas e folhas murchas. Os búfalos não haviam encontrado charcos para se refrescarem, nem culturas verdes para roubar. As serpentes tinham abandonado a Selva e descido para o rio na esperança de encontrarem uma rã extraviada. Enroscavam-se em pedras húmidas e não ameaçavam ferir quando o focinho de um porco fossador as deslocava. As tartarugas do rio tinham já sido mortas havia muito por Bagheera, a mais esperta dos caçadores, e os peixes tinham-se enterrado no fundo de lama seca. Apenas a Rocha da Paz se estendia através das águas baixas como uma cobra comprida, e as ondinhas cansadas ferviam secando-se-lhe na ilharga ardente.

Era aqui que Mowgli vinha todas as noites procurar frescura e companhia. O mais esfomeado dos seus inimigos mal repararia então no rapaz. Os lados nus faziam-no parecer mais nu e abatido do que qualquer dos seus companheiros. O sol tinha-lhe posto o cabelo da cor de estopa; as costelas sobressaíam-lhe como a armação de um cesto e os chumaços dos joelhos e cotovelos, de quando caminhava de gatas ao aproximar-se da caça, davam aos membros encolhidos o aspeto de caules de ervas nodosas. Mas tinha o olhar sereno e calmo, sob a massa espessa de cabelo na testa, porque nesta época de privações tinha Bagheera por conselheira e esta dizia-lhe que andasse devagar, caçasse com lentidão e nunca por motivo algum perdesse a paciência.

— É época perniciosa — disse a Pantera Negra numa noite de calor de forno —, mas há de passar, se nos aguentarmos até final. Trazes o estômago cheio, cachorro de homem?

— Trago coisas no estômago, mas nada me aproveita. Parece-me, Bagheera, que as chuvas se esqueceram de nós e nunca mais voltarão.

— Nada disso! Ainda havemos de ver a *mohwa* em flor, e os corços bem gordinhos com a erva nova. Desçamos para a Rocha da Paz a saber o que há de novo. Salta-me para o lombo, Irmãozinho.

— Não é ocasião de andar carregado. Posso ainda manter-me de pé sem auxílio alheio, mas não somos bois de engorda, nós os dois.

Bagheera olhou o seu flanco esfarrapado e poeirento e segredou:

— Na noite passada matei um boi jungido. Estava tão deprimida que me parece que não teria ousado saltar, se ele estivesse solto. *Uau!*

Mowgli riu-se.

— Grandes caçadores somos agora — disse. — Sou um valente a comer vermes — e os dois desceram juntos, pelo meio do matagal ressequido a estalar, para a margem do rio e para o rendilhado dos charcos que dele partiam em todos os sentidos.

— A água não poderá aguentar-se muito mais — disse-lhes Baloo, vindo ter com eles. — Olhai para além. Os trilhos acolá são como as estradas dos homens.

Na planície lisa da margem oposta, a erva da Selva morrera de pé e,

morrendo, mumificara-se. As pistas batidas dos veados e porcos, todas orientadas para o rio, tinham riscado a planície incolor com regueiras poeirentas rasgadas na erva de dez pés de altura, e, cedo como era, todos os extensos carreiros vinham coalhados de madrugadores a correr para a água. Podiam-se ouvir as corças e enhos a tossir no meio da poeira que semelhava rapé.

A montante, na curva do pego parado que envolvia a Rocha da Paz, erguia-se o fiscal da Trégua da Sede, Hathi, o elefante bravo, com os filhos, descarnados e pálidos ao luar, balouçando-se de um lado para o outro, sem cessar. Um pouco abaixo dele a guarda avançada dos cervos, e ainda mais abaixo os javalis e búfalos selvagens; e na margem oposta, onde as grandes árvores desciam até à borda da água, ficava o ponto reservado aos carnívoros — tigres, lobos, panteras, ursos e outros.

— Estamos, efetivamente, sob a mesma Lei — disse Bagheera, entrando pela água e olhando para as linhas de chifres chocantes e olhos esbugalhados da outra margem onde os veados e os porcos se empurravam reciprocamente. — Boa caça, a todos vós do meu sangue — acrescentou deitando-se ao comprido, com uma das ilhargas fora da água; e depois, por entre dentes, «mas se não fosse a Lei a caça seria *muito* boa».

As orelhas a pique dos veados perceberam a última frase e um murmúrio de susto percorreu as fileiras:

— A Trégua! Lembrai-vos da Trégua!

— Silêncio! Silêncio! — gorgolejou Hathi, o elefante selvagem. — A trégua continua, Bagheera. Não é agora ocasião de falar em caça!

— Quem o há de saber melhor do que eu? — respondeu Bagheera voltando os olhos rio acima. — Sou papa-cágados-pescador de rãs. *Ngaayah!* Quem me dera restabelecer-me a mascar ramos!

— Isso desejamos *nós*, ardentemente — baliu um jovem enho que nascera na primavera anterior e não apreciava nada o facto. Por muito desgraçados que se sentissem os moradores da Selva, o próprio Hathi não pôde deixar de se rir por entre dentes; ao passo que Mowgli, estendido na água tépida, apoiado nos cotovelos, soltou uma risada fazendo saltar a espuma com o bater dos pés.

— Boa resposta, chifrinho em botão — rosnou Bagheera. — Quando terminar a trégua, o facto ser-te-á levado em conta — e olhou penetrantemente através da treva para ter a certeza de reconhecer o enho outra vez.

A pouco e pouco a conversa estendeu-se pelos bebedouros a montante e a jusante. Ouviu-se o tropel e o bufar do porco, a pedir mais espaço; os búfalos, grunhindo entre si, partindo à desfilada através dos bancos de areia, e os veados a contarem histórias tristes das suas longas andanças, de pés doridos em busca de sustento. Uma vez por outra faziam perguntas aos carnívoros da outra margem do rio, mas não havia notícias boas e o ruidoso vento ardente da Selva vinha a soprar entre os rochedos e os ramos entrelaçados espalhando gravetos e poeira sobre a água.

— Também os homens morrem junto aos arados — disse um sambar novo. — Passei por três entre o pôr do sol e a noite. Jaziam por terra e os seus bois com eles. Dentro de pouco também nós ficaremos imobilizados.

— O rio baixou desde ontem à noite — disse Baloo. — Ó Hathi, já alguma vez viste coisa igual a esta?

— Há de passar, há de passar — disse Hathi, esguichando água sobre o lombo e as ilhargas.

— Temos aqui um que não aguenta muito tempo — disse Baloo, olhando para o rapaz querido.

— Eu? — disse Mowgli indignado, sentando-se na água. — Eu não tenho pelagem comprida para me cobrir os ossos, mas ... mas se te tirassem a pele a *ti*, Baloo...

Hathi sacudiu-se todo com a ideia e Baloo disse com severidade:

— Cachorro de homem, isso não é coisa que se diga a um mestre da Lei. *Nunca* ninguém me viu sem a minha pele.

— Eu não o disse por mal, não, Baloo; apenas quis frisar que tu és como o coco, por assim dizer, com a casca, e eu sou o mesmo coco descascado. Ora essa tua casca cor de castanha... — Mowgli estava sentado de pernas cruzadas, a explicar com o indicador na sua forma costumada, quando Bagheera estendeu a pata almofadada e o puxou de costas para a água.

— Cada vez pior — disse a Pantera Negra, quando o rapaz se ergueu

esborrifando água. — Primeiro Baloo vai ser esfolado e agora é um coco. Tem cautela não te faça ele o que os cocos fazem.

— E que vem a ser isso? — disse Mowgli desprevenido por um instante, embora se tratasse de uma das *rasteiras* mais antigas da Selva.

— Partir-te a cabeça — disse Bagheera tranquilamente, dando-lhe mais um mergulho.

— Não está bem que faças troça do teu professor — disse o urso, depois de Mowgli ter sido mergulhado pela terceira vez.

— Não está bem! Que mais quereis vós? Esse animalejo nu que não para de fazer troça daqueles que têm sido bons caçadores e nos puxa pelos bigodes, aos melhores de entre nós, só para se divertir. — Era Shere Khan, o tigre coxo, que descia cambaleante para a água. Aguardou um bocadinho para apreciar a sensação que produzia entre os veados da margem oposta; depois amarrou a cabeça quadrada e frisada e começou a lambiscar a água, regougando: — A Selva tornou-se agora viveiro de criação para cachorri-nhos nus. Olha para mim, cachorro de homem!

Mowgli olhou — ou antes fitou-o — com todo o desdém que podia, e num instante o tigre desviou a vista pouco à vontade.

— Cachorro de homem para aqui, cachorro de homem para ali — rousnou ainda, continuando a beber —, o cachorro não é homem nem filho de homem, senão teria tido medo. No ano que vem terei de pedir-lhe licença para beber. *Aurgh!*

— Pode acontecer — disse Bagheera fixando-o firmemente entre os olhos. — Isso pode acontecer, também. Apre, Shere Khan, que nova vergonha nos trazes para aqui?

O Tigre Coxo tinha mergulhado queixo e queixada na água e uns fios escuros, oleosos, escorriam dele, levados pela corrente.

— Homem! — disse Shere Khan tranquilamente. — Matei um há uma hora. — E continuou a ronronar e a rugir para consigo.

A fileira dos brutos estremeceu e agitou-se de um lado para o outro, e um murmúrio foi subindo até se transformar em alarido.

— Homem! Homem! Matou homem! — E depois voltaram-se todos para Hathi, o elefante bravo, mas este parecia não ter ouvido. Hathi nunca

faz nada senão quando chega a ocasião, e essa é uma das razões por que vive tantos anos.

— Numa época destas, matar homem! Não havia outra caça? — disse Bagheera com desdém, arrancando-se da água lodosa, e sacudindo cada uma das patas à moda dos gatos.

— Matei porque quis, e não por fome. — O sussurro de horror começou novamente, e os pequeninos olhos brancos de Hathi voltaram-se de soslaio na direção de Shere Khan. — Porque quis — repetiu Shere Khan arrastando a voz. — Agora venho beber e pôr-me outra vez limpo. Há alguém que mo impeça?

Bagheera começou a arquear o dorso como um bambu perante uma rajada, mas Hathi ergueu a tromba e falou com calma.

— Mataste por queres? — perguntou; e quando Hathi pergunta o melhor é responder.

— Isso mesmo. Tinha esse direito na minha noite, como sabes, ó Hathi. — Shere Khan falava quase cortesmente.

— Sei, sim — respondeu Hathi; e após breve pausa: — Já saciaste a sede?

— Por esta noite, já.

— Então vai-te. O rio é para beber e não para conspurcar. Ninguém senão o Tigre Coxo seria capaz de se gabar do seu direito nesta época em que todos nós sofremos. Homens e moradores da Selva igualmente. Limpo ou imundo, retira-te para o teu antro, Shere Khan!

As últimas palavras retiniram como trombetas de prata e os três filhos de Hathi rodaram meio passo para a frente, embora não fosse preciso. Shere Khan esgueirou-se, sem se atrever a rosnar, pois sabia — como todos os mais o sabem — que quando se chega às do cabo, Hathi é o Senhor da Selva.

— Que direito é este de que Shere Khan fala? — segredou Mowgli ao ouvido de Bagheera. — Matar Homem é *sempre* vergonhoso. Assim o diz a Lei. Todavia Hathi diz...

— Pergunta-lho. Eu por mim não sei, Irmãozinho. Com direito ou sem ele, se Hathi não tivesse falado, teria eu dado uma lição àquele carniceiro

coxo. Aproximar-se da Rocha da Paz ao acabar de matar homem e gabar-se do feito... é proeza de chagal. Além disso conspircou a água boa.

Mowgli esperou uns minutos para tomar ânimo, porque ninguém se atrevia a interpelar Hathi diretamente, e depois bradou:

— Qual é o direito de Shere Khan, ó Hathi? — Ambas as margens lhe repetiram as palavras, porque os moradores da Selva são intensamente curiosos, e acabavam de ver coisas que ninguém, exceto Baloo, que exibia um ar concentrado, parecia compreender.

— É uma história velha — disse Hathi —, uma história mais velha que a Selva. Calai-vos aí nas margens que eu vou contar-vos a história.

Passou-se um minuto ou dois de empurrões e cotoveladas entre os porcos e búfalos, e depois os guias das manadas rosnaram uns atrás dos outros: «Aguardamos», e Hathi avançou até lhe dar a água pelos joelhos no pego da Rocha da Paz. Embora magro, enrugado e de presas amarelas, tinha o ar do que a Selva via nele — o seu senhor.

— Sabeis, meus filhos — começou —, de todas as coisas, o homem é a que mais temeis. — E ouviu-se um murmúrio de assentimento.

— Esta história diz-te respeito, Irmãozinho — disse Bagheera para Mowgli.

— A mim? Eu pertenço à alcateia, sou caçador do Povo Livre — respondeu Mowgli. — Que tenho eu que ver com o homem?

— E não sabeis porque temeis o homem? — continuou Hathi. — Eis a razão. No começo da Selva, e ninguém sabe quando isso foi, nós os da Selva andávamos juntos sem receio uns dos outros. Nesses tempos não havia seca, e as folhas, flores e frutos davam-se na mesma árvore e nós não comíamos senão folhas, flores, erva e casca de árvores.

— Muito estimo não ter nascido nesses tempos — disse Bagheera. — A casca não serve senão para afiar as garras.

— E o Senhor da Selva era Tha, o Primeiro dos Elefantes. Este extraiu a Selva das águas profundas com a tromba; e onde fez sulcos no chão com os dentes aí correram os rios; e onde bateu com a pata, apareceram lagos de boa água; e quando soprava pela tromba — assim — as árvores caíam. Foi deste modo que a Selva foi feita por Tha, e assim me contaram a história.